Domingo, 14 de Julho de 2013
Nº 111 SÉRIE III

Recreio

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL DE ANGOLA

Como escrever para o "Recreio"
O nosso endereço é:
Recreio - Página Infantil do Jornal de Angola - Rua Rainha Ginga, 18/26 - Luanda, ou para o e-mail: ednovembro.dg@nexus.ao.

CONSELHOS

O sono no cacimbo

Crianças dorminhocas, no Cacimbo todos ficamos preguiçosos.Não queremos acordar, pedimos para dormir mais um pouquinho e inventamos muita lenga lenga para não sairmos da cama. Mas vocês sabem que têm que ir à escola. Então deixem a mangonha de lado e comportem-se como homens e mulheres.
Em vez de ficarem até tarde a ver televisão procurem ir para a cama mais cedo. Dormem mais horas e assim não têm preguiça de sair da cama na manhã seguinte. Depois de colocarem água bem fria no rosto o sono passa e acordam completamente.

PROVÉRBIO

★Se a tua língua se transforma em faca, vai cortar a tua boca.

CARTAS DOS AMIGUINHOS

O frio e a merenda escolar

Este ano tenho aulas no período da manhã e quando vou para a escola faz muito frio. A cidade do Lubango é muito fria nos meses de Julho e Agosto. Mas como nos é fornecida a merenda escolar, estamos a resistir bem ao frio.

A merenda escolar está a chamar muitas crianças para a escola porque nios nossos bairros há pais que não obrigam os filhos a estudar. Mas como chegou à nossa escola o Programa da Merenda Escolar os pais mandam as crianças estudar e sabe bem a merenda quando interrompemos as aulas.

Foi uma boa ideia distribuir aos alunos das escolas dos bairros a Merenda Escolar. E no tempo do frio a ideia é ainda melhor porque quando comemos os produtos que nos são oferecidos, ficamos mais aconchegados.

A minha mãe diz que a melhior idea do governo foi distribuir a merenda escolar e oferecer os livros escolares no princípio do ano. Agora aqui no Lubango só não estuda quem não gosta mesmo de aprender. Temos todas as condições para no fim do ano apresentar bons resultados e passar de ano. É por isso que eu estudo todos os dias as lições.

ANACLETO SANTANA |12 ANOS| LUBANGO

BRINCAR E APRENDER

ADIVINHAS

1. Qual é, o marco do meio mundo, que tanta distância tem de si para o alto como de si para o mundo?
2. No monte nasce, no monte se cria, chega a casa com a tia.
3. Qual é o lugar onde as damas não falam?
4. Alçar e premer, para ganhar para comer.
5. Qual é a coisa, qual é ela, que foi feita para falar e não fala?
6. Um terreno bem lavrado. sem charrua nem arado.
7. Muitas meninas a olharem à varanda. Todas a chorarem para a mesma banda.

Soluções: 1. O umbigo; 2 Urze; 3. Tabuleiro de damas; 4.Tecer; 5. Telefone; 6. Telhado; 7. Telhas do beiral em dia de chuva.

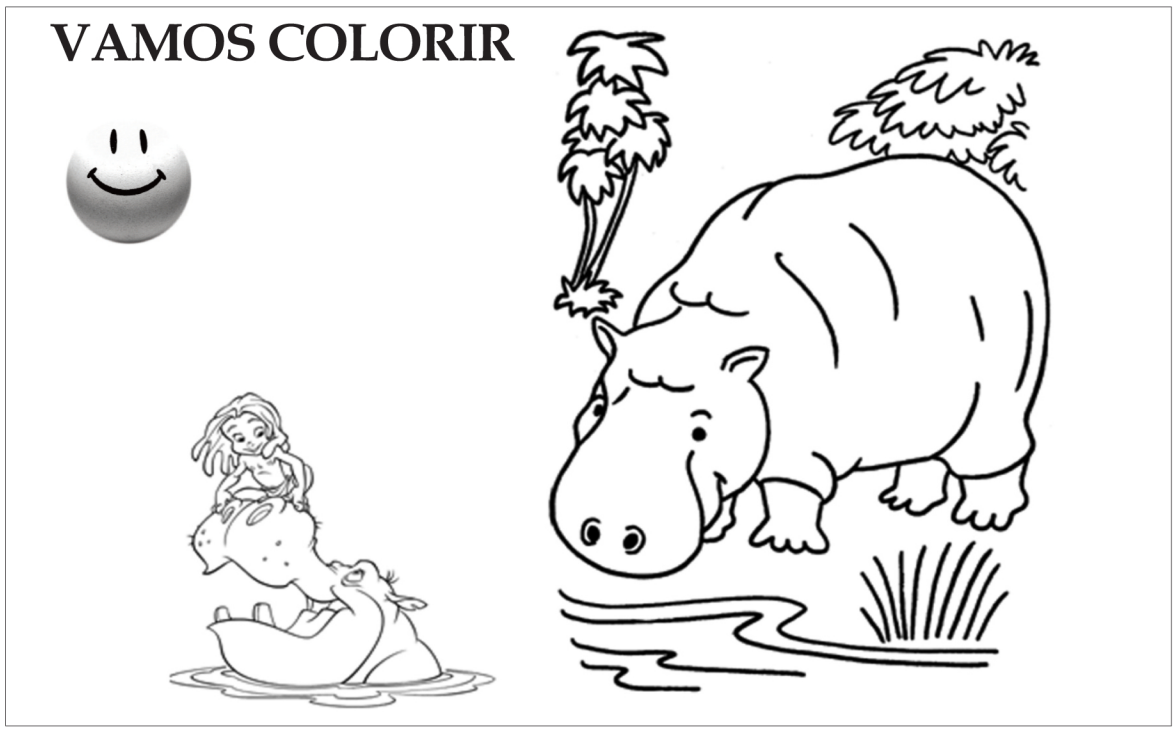
SABIAS QUE...

São ao todo mais de 25.000 espécies de peixes. São os primeiros animais vertebrados (têm esqueleto ósseo), só que possuem o sangue frio. Eles respiram através de brânquias (guelras), que é o órgão respiratório de animais aquáticos, e que nos peixes atinge o seu desenvolvimento máximo.

O sistema nervoso dos vertebrados é sempre formado por um cérebro, ligado a uma medula na espinhal dorsal, sistema circulatório fechado, e o sangue contém hemoglobina (pigmento que contém ferro e dá a cor vermelha ao sangue).

Mas, como em toda a regra, há excepções, o peixe-gato possui pulmões auxiliares, e o atum não pode ser chamado de animal de sangue frio, pois a temperatura do seu sangue não é a mesma que a do ambiente em que vive. A corvina (Micropogonias furmeri) é um peixe de água salgada. É encontrada em todo o litoral angolano e em outros países como na américa e Europa. Chega a atingir até um metro de comprimento e a pesar 20 quilos.

VAMOS COLORIR



CONTOS POPULARES ANGOLANOS

Os dois irmãos e o sortilégio do rabo de peixe

SEKE IA BINDO |

Mukongo e Mukuve eram dois irmãos muito unidos, que conheciam todas as rotas da caça e do mel. Mukongo, o mais velho, sempre que seguia à frente na pista das cabras, encontrava sempre uma cobra ou mesmo a onça traiçoeira. A caçada era um fracasso. Mukuve tinha mais sorte. Quando comandava as caçadas, encontrava sempre uma jibóia ou um cágado. E a partir daí, os dois irmãos caçavam o suficiente para alimentar toda a aldeia.

O irmão mais novo apanhava mel sempre que seguia na vanguarda. O irmão mais velho limitava-se a beber vingundu feito do mel recolhido por Mukuve. Mukongo vivia infeliz com a sua má sorte. E cantava palavras ainda mais tristes. Mukuve perguntava ao irmão: - Porque estás tão triste, meu irmão, se somos os melhores caçadores da aldeia e vivemos na abundância?

E Mukongo respondia:

- *Ketye ketye lya kuyola!* Quem canta seus males espanta.

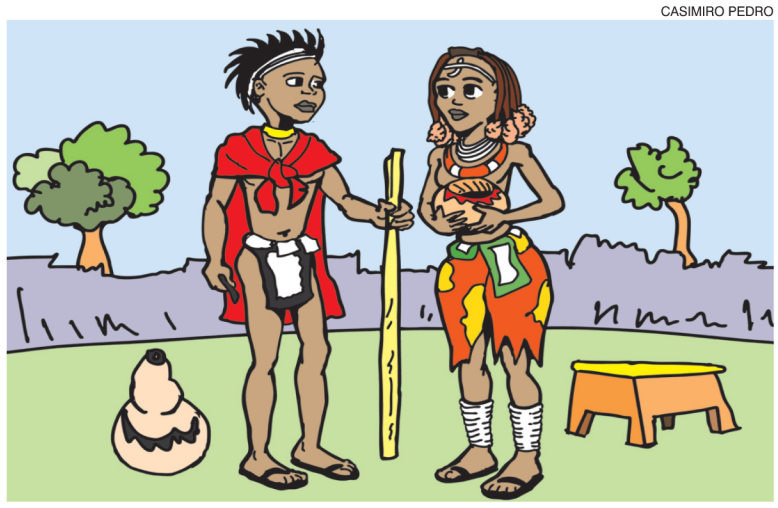
E o irmão, que andava sempre com um sorriso rasgado, replicava:

- *Livutuvutu ku muono!* O rosto triste dá tristeza à vida. Um dia Mukongo disse ao irmão que deviam ir às terras do Rivungo procurar noivas, porque estavam na idade de constituir família. Mukuve concordou e partiram à procura de uma companheira. A meio da jornada encontraram uma encruzilhada. Mukongo propôs que seguissem pela esquerda. Mas Mukuve disse que o seu instinto de caçador o aconselhava a tomarem o caminho da direita.

Mukongo disse ao irmão: - Então a partir daqui vamos separar-nos. Tu segues pela direita e eu pela esquerda.

E naquele momento os dois irmãos separaram-se. Mukuve andou mais um dia e encontrou uma aldeia muito rica. Soube que a filha do rei também estava em idade casadoira. E ele foi conhecer a princesa. Era tão bela e educada que o caçador a pediu imediatamente em casamento. O rei aceitou o pedido e depois das festas, o casal partiu para a aldeia de Mukuve.

CASIMIRO PEDRO



Mukongo andou, andou, mas no seu caminho não existia uma única aldeia. Na margem do rio Kuvango encontrou uma velha que tinha na mão um grande peixe. O homem triste perguntou:

- Há por aqui alguma aldeia onde eu possa encontrar uma noiva?

E a velha disse que a única mulher naquelas paragens era ela, mas não podia casar porque noivou com o tempo. Quando viu a tristeza no rosto de Mukongo acrescentou:

- Para não ficares triste, ofereço-te uma barbatana do peixe que acabo de pescar. E de seguida cortou o rabo do peixe e deu-o ao infeliz Mukongo.

Cada vez mais triste pela sua má sorte, regressou à aldeia. Depois de muito andar, encontrou o irmão, com a sua bela mulher. Ficou feliz pelo sucesso de Mukuve e juntos partiram para casa. Quando entraram na aldeia, os pais receberam-nos em festa.

A mulher de Mukuve era mesmo muito bonita e o seu dote mais rico do que toda a riqueza da aldeia junta. Ao mesmo tempo ficaram tristes porque o filho mais velho regressava sem mulher. O pai perguntou a Mukongo:

- Onde está a tua mulher, meu filho primogénito?

E Mukongo mostrou o rabo do peixe e disse: - Esta é a minha mulher. Não maldigo a minha sorte. Cada qual tem aquilo que merece.

Naquele momento, do rabo do peixe brotou uma luz intensa que iluminou o mundo. À frente de todos surgiu uma belíssima jovem, vestida com os mais extraordinários adornos. Com ela estavam rebanhos de cabras e bois. Os carregadores transportavam sacos de milho de massango, cofres cheios de dinheiro e cabaças de cerveja para a festa. Do nada surgiu um palácio resplandecente, onde os criados cantavam em honra dos noivos.

A bela princesa deu a mão ao marido e entraram no palácio. Mukuve, com um sorriso feliz disse ao irmão:

- Eu sempre te disse que és especial.

Os dois irmãos abraçaram-se e desde então, quando iam à caça, Mukongo encontrava sempre um cágado, prenúncio de abundância e felicidade.

Kvyambulula kovihu! O que se conta é um nunca mais acabar.

*Texto original adaptado de um conto do livro "O Mundo Cultural dos Nganguelas"